

TRÍADE DE CONTATO ÍNTIMO: APEGO ENTRE MÃE E FILHOS GÊMEOS

THE TRIAD OF INTIMATE CONTACT: ATTACHMENT BETWEEN THE MOTHER AND HER TWIN BABIES

Daniela Leite David
Elaine Cristina de Azevedo
Eline Maria Santana Russi
Cristiana Mercadante Esper Berthoud
Adriana Leonidas de Oliveira

Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo verificar como se desenvolve o apego entre a mãe e seus bebês gêmeos. Teve como amostra cinco mães com filhos gêmeos das cidades de Taubaté, Caçapava e Pindamonhangaba, independente do nível de escolaridade ou classe social. A faixa etária dos bebês situava-se entre doze a vinte e cinco meses, podendo ser univitelinos e bivitelinos, não portadores de excepcionalidades. Como instrumentos foram utilizadas entrevistas semi-dirigidas, observações naturalísticas da interação mãe-bebê e o teste “strange situation paradigm”, que teve por finalidade medir a qualidade de apego da criança a sua mãe, possibilitando classificá-lo em apego seguro, apego ansioso e evitante ou apego ansioso e ambivalente. Nesta pesquisa utilizou-se o delineamento estudo de caso, tendo como pressupostos que a acessibilidade e a qualidade dos cuidados maternos, além de possibilitarem a percepção das características individuais de cada filho gêmeo interferem no desenvolvimento do apego. A análise dos dados possibilitou concluir que o apego se estabelece entre a tríade: a mãe e cada um dos filhos gêmeos, o que significa que a mãe se vincula a ambos os bebês e estes, por sua vez, se vinculam igualmente à mãe e ao irmão. foi constatado também que as mães conseguem perceber minuciosamente a diferença entre os bebês, o que proporciona um processo de vinculação mais saudável entre mãe e filhos. PALAVRAS-CHAVE: gêmeos, apego, tríade.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa foi verificar como se desenvolve o apego entre a mãe e seus bebês gêmeos. Tendo em vista a pouca bibliografia disponível sobre o processo de vinculação em situação de gemelaridade, surgiu o interesse em se conhecer em maior profundidade o tema, uma vez que o apego constitui-se num aspecto central no desenvolvimento do indivíduo. Segundo Bowlby (1990), o vínculo que se estabelece nos primeiros anos de vida se constitui numa base para o desenvolvimento do senso de competência e de uma relação afetiva segura e confiante nos relacionamentos posteriores. O desenvolvimento do apego é essencial, tanto para as crianças quanto para os pais, no que diz respeito à capacidade de enfrentar a separação nos estágios apropriados do desenvolvimento da criança.

Especificamente pretendeu-se analisar: se a formação do apego na relação da mãe com os filhos gêmeos ocorre da mesma maneira que na relação com filho único; qual a repercussão da experiência da gravidez gemelar, parto e puerpério, no estabelecimento do apego; como as expectativas e sentimentos da mãe frente à chegada de bebês gêmeos influenciam na formação do apego; como as mães lidam com atividades cotidianas de cuidado e educação dos filhos gêmeos, tendo em vista a acessibilidade e qualidade de cuidados, e como isso influencia na forma de se vincular com cada um dos filhos; como as mães percebem e lidam com as diferenças individuais de cada bebê, e se isso influencia no estabelecimento de um apego diferenciado com cada um (ou um apego mais satisfatório); os padrões de apego exibidos pelas crianças e a qualidade das relações da tríade.

Foram elaboradas os seguintes pressupostos, com base no referencial teórico que exploramos e, ainda, em nossas expectativas pessoais: as características individuais dos filhos gêmeos influenciam a mãe em apegar-se diferentemente com cada bebê, podendo, portanto, estabelecer diferentes padrões com cada um dos gêmeos; a

acessibilidade e a qualidade de cuidados que a mãe proporciona interferem no desenvolvimento o apego; a falta de percepção da mãe quanto à necessidade de preservar e respeitar a identidade de cada um dos filhos gêmeos pode dificultar o estabelecimento de um apego satisfatório com ambos, por tratá-los semelhantemente; a aceitação e o respeito às diferenças individuais de cada bebê facilitam um processo de apego mais saudável entre mãe e filhos gêmeos, uma vez que a mãe busca atender de forma diferenciada cada bebê, podendo ser considerada responsiva aos mesmos.

Ainda que a ocorrência da gemelaridade, ou seja, o nascimento de gêmeos, exerça grande fascinação, podemos verificar que traz consigo uma carga de mitologia. Assim, alguns mitos são criados pela própria sociedade, os quais podem trazer sérias conseqüências, não só aos gêmeos, mas também aos seus familiares. um desses mitos diz respeito aos tratamentos de infertilidade. Segundo este, o nascimento de gêmeos é mais freqüente, como resultado de tratamentos de infertilidade. Existe também, o mito que se refere à amamentação: a mãe não consegue amamentar por muito tempo os filhos gêmeos e, caso consiga, nunca deve usar mamadeira para auxiliar. Empiricamente, afirma-se também que é muito fácil ter gêmeos, pois todos auxiliam e ajudam a mãe. temos ainda a crença de que há sempre, no par de gêmeos, um bom e um ruim. Assim, existe uma grande tendência de pais e familiares a submeter gêmeos a constantes comparações. Alguns acreditam que gêmeos ou trigêmeos compartilham tudo. Por fim, há o mito de que gêmeos devem ser separados na escola, para que aprendam a se relacionar com outras pessoas, um sem o outro.

Todos os mitos acima apresentados podem gerar nos pais um aumento de ansiedade e angústia, por justamente não saberem a forma adequada de pensar sobre e lidar com os filhos gêmeos. Embora não haja nenhum remédio mágico para a tensão física que os filhos gêmeos proporcionam, especialmente recém-nascidos, os pais não precisam ter medo de pedir ajuda para os parentes e amigos. O apoio de amigos pode ser uma fonte de alívio emocional e físico aos pais. as pressões financeiras também complicam a vida para os pais de gêmeos. Além disso, as mães enfrentam o dilema de continuar uma carreira, pois precisam cuidar das crianças. outro aspecto importante a ser discutido é sobre a individualidade nos gêmeos. Para o primeiro ano de vida, não é necessário estar preocupado em promover individualização para os gêmeos. Porém, no período entre 18 meses e três anos, os pais podem contribuir para aumentar as habilidades dos gêmeos em estabelecer a individualidade e vidas separadas quando adultos (malmstrom, 1987).

Malmstrom (1987) aponta que, para promover a formação de identidade saudável nos gêmeos, a família deve: dar nomes distintamente diferentes; evitar vestir os gêmeos com roupas iguais; cada um tem que ter seu próprio brinquedo; referir-se a cada um pelo nome; nos aniversários, fazer dois bolos pequenos e cantar “feliz aniversário” duas vezes; dar presentes separados aos gêmeos, encorajando a família a fazer o mesmo, entre outras atitudes simples que certamente, contribuem para o processo de individualização dos gêmeos.

Toda pesquisa sobre gêmeos, nos últimos vinte anos, mostra que os gêmeos que ficam juntos na pré-escola se dão melhor academicamente e socialmente do que os que são arbitrariamente separados. Gêmeos que são separados muito cedo tornam-se muito ansiosos sobre o que o outro está fazendo, não conseguindo se concentrar em aprender e socializar-se. Os gêmeos nascem em uma exclusiva relação íntima e, por esse motivo, os pais podem e devem ajudar no processo de individualização de modo sutil, sem violar o laço íntimo entre as crianças.

O Vínculo entre Mãe e Filho

O termo apego é derivado do inglês “attachment”, que significa “vínculo”. segundo bowlby (apud berthoud, 1992, p.16), “...muitas das mais intensas emoções humanas surgem durante a formação, manutenção, rompimento ou renovação dos vínculos emocionais”.

De acordo com a teoria do apego, o homem possui comportamentos instintivos. Existe, assim, um padrão de comportamento que leva a criança a não se afastar da figura protetora e faz com que a mãe também não a abandone. É importante que, no decorrer do desenvolvimento infantil, as condições ambientais sejam favoráveis, a fim de que o comportamento instintivo ocorra de maneira adequada, possibilitando que a criança mantenha constante interação e contato com a realidade exterior (berthoud, 1992).

Segundo Brazelton (1988), o processo de vinculação mãe-bebê tem início desde a gestação. Durante a gravidez, um profissional poderá ajudar a família a tornar o relacionamento mais íntimo e fornecer orientação que estimulará o apego mútuo. Esse momento é denominado pelo autor de “período de ponto de contato”.

O período que se segue ao parto também é considerado por Brazelton (1988) como fundamental para formação do vínculo. Segundo ele, durante os primeiros três dias após o parto, se ocorrer a separação entre mãe e bebê, a mãe perderá o contato íntimo com o filho, pois é um momento em que ela se encontra muito sensível a ele. Porém, “...o trabalho de apego não necessita ser executado somente pelos pais; o recém-nascido é programado com uma grande variedade de capacidades e respostas para ir ao encontro de sua mãe ou pai. Pelo menos metade da tarefa de apego é realizada pelo bebê” (Brazelton, 1988, p.110). A amamentação também colabora para consolidação do vínculo, e deve ser agradável tanto para a mãe quanto para o bebê (Brazelton, 1988).

A relação de apego e vínculo para o bebê não se estabelece instantaneamente. Segundo Sluckin (1990), a vinculação envolve: o contato entre o recém-nascido e a mãe e a influência duradoura deste contato na ligação mãe-filho. “A ligação vai sendo cimentada entre a mãe e seu bebê através de um relacionamento que implica amor incondicional (...) que perdurará a vida inteira” (Sluckin, 1990, p.28).

De acordo com Sluckin (1990), do nascimento aos dois meses, aproximadamente, o bebê mostra uma gama de comportamentos de apego (chorar, sorrir, contato visual) que forma um sistema inato que elicia no adulto os comportamentos de cuidar do bebê. Um bebê de 2 a 8 meses aproximadamente, está numa fase de pré-ligação e, assim, emite comportamentos de apego indiscriminadamente, a qualquer pessoa. A ligação afetiva específica do bebê com uma pessoa em especial parece não acontecer antes dos 6 ou 7 meses, aproximadamente. Nesta idade em diante, há uma evolução para posteriores ligações múltiplas. O mesmo ocorre com crianças gêmeas.

Pontuaremos, agora, alguns aspectos sobre o vínculo entre mãe e filhos gêmeos. Zazzo (apud Adrados, 1988, p.133) considera os gêmeos como “um casal formado de dois seres complementares, estando sua estrutura interna baseada em relações de ascendência e submissão.” Podemos, então, constatar que a interação que estabelecem com o ambiente e a influência que o ambiente tem sobre eles são diferentes. Contudo, é observável que, à medida que os bebês crescem, há uma tomada de consciência sobre suas personalidades, individualidades. Segundo Adrados (1988), os gêmeos tendem a criar uma linguagem própria entre eles, dificultando sua interação e adaptação social.

Muitos pais se questionam a respeito da qualidade dos cuidados despendidos aos bebês. Além disso, eles tendem a salientar características físicas e psicológicas idênticas dos bebês, passando a vesti-los da mesma forma, ou seja, tendem a tratá-los como “bloco único” de necessidades e carinho (Machado, 1980). Essa natureza de postura dos pais pode tardiamente possibilitar que problemas diversos de ordem psicológicas venham a surgir. Os pais deveriam, portanto, “trilhar outro caminho”. A fim de que um vínculo satisfatório e sadio se forme, os pais devem salientar e observar as diferenças entre os bebês, e, a partir dessa postura, tratá-los de maneira diferenciada, segundo cada necessidade e temperamento. E, frente a esses, dados os pais devem, portanto, estabelecer com cada criança um vínculo específico, preservando e respeitando sempre suas identidades e individualidades.

MÉTODOS

O delineamento utilizado nesta pesquisa foi o Estudo de Caso, e participaram da mesma mães com filhos gêmeos univitelinos ou bivitelinos, não portadores de excepcionabilidades, na faixa entre 12 e 25 meses, independente da situação socioeconômica. A amostra foi composta por acessibilidade e constituiu-se por cinco triádes, ou seja, cinco mães com seus respectivos filhos gêmeos.

Os instrumentos utilizados foram uma entrevista semidirigida, observação e o teste situacional “Strange Situation Paradigm”. A entrevista foi realizada com o propósito de se aprofundar os dados históricos da mãe com os filhos gêmeos. A finalidade da observação foi verificar as atividades cotidianas da triáde. Este objetivo foi parcialmente alcançado, pois a presença das pesquisadoras influenciou no comportamento dos gêmeos, os quais solicitaram a elas que participassem de suas brincadeiras. Mesmo tendo ocorrido tal influência, foi possível coletar dados interessantes das sessões de observação e utilizá-los na análise. A entrevista e a observação foram feitas na própria residência das mães, com duração média de uma hora e meia para cada triáde.

O teste situacional “Strange Situation Paradigm”, o qual consiste numa série de oito episódios e tem a duração aproximada de vinte e dois minutos, realizado na sala de espelho, na Clínica de Psicologia da Universidade de Taubaté foi filmado, com a devida autorização das mães participantes. Na sala, colocou-se uma coleção de brinquedos e duas cadeiras e o teste consistiu nos seguintes episódios seqüenciais:

- No primeiro episódio em que apenas a mãe e a criança estão na sala (que é considerado um ambiente estranho, mas não assustador, para a criança), a experimentadora observa se a criança se afasta da mãe para explorar os brinquedos.
- No segundo episódio, com a mãe ainda na sala, uma estranha entra e inicia uma interação com a criança.
- No terceiro episódio, a mãe se retira, para a experimentadora observar a reação da criança à saída da mesma, como também sua reação à estranha.
- No quarto episódio a mãe retorna, após alguns minutos, e a estranha deixa a sala discretamente.
- No quinto episódio a mãe é instruída para estimular o filho à exploração dos brinquedos.
- No sexto episódio a criança é deixada sozinha na sala.
- No sétimo episódio a estranha retorna à sala e tenta levar a criança a se interessar novamente pelos brinquedos, caso ela se mostre ansiosa e assustada.
- No oitavo e último episódio a mãe retorna e se observa, então, as reações do par.

O teste foi realizado com os gêmeos separadamente, ou seja, cada situação proposta segundo o teste, cada criança a vivenciou individualmente com a mãe (sem a presença do irmão). Assim, dentre as três pesquisadoras, uma se encarregou da filmagem, a outra orientou a mãe na situação proposta pelo teste e a última participou diretamente do teste, sendo a “estranha”.

Após a coleta de dados, foi realizada uma análise qualitativa dos mesmos. As entrevistas foram primeiramente transcritas e minuciosamente analisadas pelas pesquisadoras, assim como o conteúdo das observações e, para isso, foi realizada uma categorização quanto às temáticas comuns. O teste foi analisado segundo os seus critérios padronizados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das entrevistas e observações foram desenvolvidas cinco categorias de análise: os sentimentos e expectativas da gestação, parto, mitos sobre gêmeos, rotina e cuidados com os filhos gêmeos e percepção das mães.

SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS DA GESTAÇÃO

Brazelton (1988) acredita que, durante a gravidez, a mãe vive uma intensa ansiedade e agitação. Citaremos a fala de uma mãe para mostrar a ansiedade que sentiu no início da gravidez gemelar: “Eu tinha preocupação... Você fica sabendo de histórias que um não sobreviveu...” (Tríade 3).

Vimos que, além da ansiedade intensa que a gravidez gemelar traz, há algumas outras preocupações e medos presentes durante a gestação. Uma delas é a de que normalmente a gestação de gêmeos não atinge o nono mês. Além disso, é esperado que os bebês apresentem, ao nascimento, tamanho e peso abaixo dos padrões da normalidade. Percebemos isso na fala de algumas mães, como exemplo: “Tive medo por ser duas, por minha estatura ser pequena (Tríade 1).

Podemos verificar, nos relatos das mães, que, quando grávidas, apresentavam um alto grau de expectativa em relação à chegada dos bebês. Podemos citar como exemplo a fala da mãe da tríade 4: “... Eu queria que chegasse logo o parto, porque queria ver logo como eles eram...”

Podemos verificar também que gestações dessa natureza requerem cuidados especiais. Muitas mães apresentam com maior frequência alguns problemas de saúde. “Foi complicado, eu engordei muito. Tive que fazer muito repouso. Fiquei enjoada demais...” (Tríade 2).

Constatamos, assim, que, apesar das expectativas e ansiedade serem mais intensas do que na gravidez de um único filho, estes fatores não interferiram no desenvolvimento do apego. Ao contrário, as mães das tríades analisadas apresentaram plena aceitação da situação inesperada, visto que se mostraram envolvidas, nesse período.

Parto

Em relação ao parto, de acordo com a amostra analisada foi possível verificar a maior ocorrência de partos cesarianos, pois, dentre as cinco tríades, em três o parto foi cirúrgico.

É esperado, na maioria das vezes, que bebês gêmeos nasçam prematuramente, necessitando de cuidados especiais, ou seja, que sejam levados imediatamente à incubadora (e outros), não podendo, assim, ter contato imediato com a mãe. Segundo as tríades analisadas, verificamos que algumas mães tiveram contato maior com seus bebês; com outras esse

MITOS SOBRE GÊMEOS

Quanto à amamentação, constatamos que duas mães amamentaram seus filhos gêmeos durante o período de quinze dias, duas amamentaram seus filhos até dois meses, e apenas uma mãe amamentou por um período maior, de sete meses.

Houve, então, a dificuldade de amamentação, porém parece que não interferiu na qualidade do apego, nas tríades analisadas.

Um dos mitos existentes em nossa sociedade é achar que é muito fácil ter filhos gêmeos, pois todos auxiliam e ajudam a mãe. Contudo, verificamos, nos relatos das mães, que nos meses iniciais foi difícil cuidar dos bebês. A mãe da tríade 4 fala o assunto: “Foi difícil, eu fiquei acabada, não dormia. Eu vivia para os dois... depois do terceiro mês eu já acostumei...”

Rotina e Cuidados

Outro aspecto analisado foi rotina e cuidados com os filhos gêmeos. O apego depende da qualidade e intensidade dos cuidados maternos. A mãe é considerada vinculada a seu filho se cuidar bem dele e lhe dedicar grande atenção e dedicação.

Nos primeiros meses, a rotina com os bebês é mais estressante, devido aos cuidados intensos que o recém-nascido requer. Porém, com o tempo, vai diminuindo a frequência dos cuidados maternos intensos. Ademais, é interessante perceber que as mães se dedicam integralmente aos filhos gêmeos durante muitos anos. “Foi difícil, fiquei acabada, não dormia. Eu vivia para os dois. A minha mãe me ajudava, mas era eu que cuidava” (Tríade 4).

Geralmente as mães cuidam dos filhos gêmeos do mesmo modo. Assim, os horários de amamentação, banho e outras atividades rotineiras são semelhantes.

Em alguns casos são seguidos, ou seja, ao terminar de cuidar de um bebê, logo faz o mesmo com o outro. Como exemplo, a narrativa da mãe da tríade 1: “Tudo que eu faço para uma, em seguida faço para outra...”

Para promover a formação de identidade saudável, os pais devem tratar os filhos gêmeos como pessoas diferentes e únicas, com sua própria individualidade. Diferenciar as roupas dos gêmeos, por exemplo, é uma atitude aconselhável. Percebemos que algumas mães vestem seus filhos de mesmo modo, com intenção de deixá-los mais parecidos. “A maioria das roupas delas são igualzinhas, mas de corzinha diferentes” (Tríade 3).

Contato foi reduzido, devido ao fato de os bebês necessitarem de cuidados especiais. “No momento após o parto, eles só me mostraram e correram para a incubadora”(Tríade 2).

De acordo com os relatos das mães, durante o parto estavam presentes sentimentos ambivalentes, como alegria e medo. “Eu fiquei bem amedrontada”(Tríade 1).

Foi possível observar que, apesar de algumas mães não terem tido contato com os bebês imediatamente após o parto, este fato não interferiu para o posterior estabelecimento de um apego, o que pôde ser verificado por meio da aplicação do teste situacional.

Filhos gêmeos pode tardiamente ocasionar problemas diversos de ordem psicológica.

Contudo, alguns pais, durante as entrevistas, afirmaram considerar mais adequado vestir roupas diferentes, a fim de preservar a individualidade de cada filho. “Dou banho nas duas juntas, ponho para almoçar juntinhas, só que vestir não. Eu sempre visto elas diferentes” (Tríade 5).

Os pais usualmente possuem uma percepção errônea quanto aos procedimentos realizados quando os gêmeos atingem a idade escolar. Muitos pais acreditam que crianças gêmeas devem ser separadas, na escola, ignorando que existe um momento certo de realizar esta cisão, devido ao grande grau de dependência existente entre eles. Caso sejam separados antes de aprenderem autonomia e independência, serão subjugados, podendo surgir seqüelas no aprendizado. Assim, quanto mais forem cedo separados, os gêmeos podem tornar-se muito ansiosos sobre o que o outro está fazendo, o que pode dificultar a aprendizagem e a socialização. (Malmstron, 1987). A mãe da tríade 5 ressaltou esta idéia: “Na escola eu já pedi para não deixarem juntas...”

Considera-se que os gêmeos nascem em uma exclusiva relação íntima. Devido a esse fato, constatamos que o gêmeos estão ligados intrinsecamente desde o útero materno, até em detalhes da rotina. Assim, a própria rotina fortalece e consolida essa relação. “Eles fazem tudo junto”(Tríade 4).

É importante preservar a individualidade em crianças gêmeas. Observamos que isso não tem ocorrido na tríade 4, e a mãe tem a tendência de padronizar os cuidados dispensados aos bebês. Talvez isso ocorra devido a diversos fatores, tais como: imaturidade e alto grau de estresse, por não ser auxiliada nos cuidados cotidianos dos bebês.

PERCEPÇÃO DAS MÃES

Quanto à percepção das mães, vimos que elas vêm e atendem seus filhos gêmeos quanto à suas necessidades e temperamentos. Como exemplo: “Eu sinto ela um pouco... mais carente, mais frágil, e a Br não ... eu sinto ela com muito mais personalidade...” (Tríade 3).

Porém, notamos que, em uma tríade, a mãe percebe as diferenças temperamentais dos bebês, mas não os atende de forma diferenciada, achando que dessa forma poderá favorecer um e não outro. “... eu trato os dois igual, apesar do G. ser um pouco difícil, rebelde, mas eu procuro não diferenciar os dois...”(Tríade 4).

O PADRÃO DE APEGO

Em relação ao padrão de apego, as pesquisadoras encontraram, nos sujeitos analisados, o padrão de apego B - seguramente apegados. De acordo com o modelo funcional interno que Bowlby (1990) utilizou para descrever os sinais internos da criança na “situação estranha”, crianças seguramente apegadas expressam seu modelo funcional interno de acordo com o modelo dos pais; estes demonstram disponibilidade e amor a seus filhos e os mesmos sentem-se merecedores desse amor. Além do mais, crianças assim classificadas nos mostram que os cuidados que as mães lhes dispensam são de carinho, comunicação e afeição. Isso pôde ser confirmado em todas tríades, por meio das entrevistas e observações realizadas.

CONCLUSÃO

Considera-se que o apego é uma necessidade básica que se estabelece nos primeiros anos de vida, influenciando os relacionamentos posteriores. Assim, o apego que se estabelece nos primeiros anos de vida, traz implicações para o desenvolvimento da criança e, posteriormente, no que diz respeito à estruturação da personalidade do indivíduo, e em suas relações ao longo da vida.

Mediante os dados coletados, pudemos concluir que, no caso de filhos gêmeos, o apego se estabelece entre a tríade: mãe e cada um dos filhos gêmeos, o que significa que a mãe se vincula a ambos os bebês e que estes, por sua vez, se vinculam igualmente à mãe e ao irmão (ã). Para Klaus e Kennel (apud Sluckin, 1990), a mãe é considerada vinculada ao seu filho se lhe dedicar grande atenção e também se demonstrar seu amor por ele por meio de manifestações tais como acariciar, beijar e abraçar.

Observamos os bebês vinculados às mães, visto que a qualidade dos cuidados e atenção dispensados a eles eram satisfatórios, confirmando um dos pressupostos. Os cuidados que as mães dispensavam aos seus filhos nos mostraram comunicação, carinho e afeição. Isso confirma um dos pressupostos, o que diz respeito à acessibilidade das mães e percepção destas quanto às diferenças individuais de seus filhos gêmeos.

Parece que as mães das tríades analisadas conseguem perceber as diferenças individuais entre os gêmeos, formando, portanto, um vínculo satisfatório e sadio, a partir dessa postura de tratá-los de maneira diferenciada, segundo cada necessidade e temperamento.

Concluimos também que, durante a gestação e no momento do parto, as mães apresentaram grande confusão de sentimentos, tais como: medo, susto e emoção. Segundo Brazelton (1988), nesse período de gestação, a ansiedade e a agitação são partes inevitáveis da gravidez, que é um processo de preparação de energia emocional de novos pais, para o passo mais importante, que é apegar-se ao bebê.

Durante o processo de coleta de dados observamos que as mães compartilham responsabilidades; enquanto estas se dedicam ao papel de exercer com maior competência possível os cuidados maternos, aos pais cabe o papel de provedor de recursos financeiros.

Com referência ainda aos cuidados maternos, parece que as mães que não são auxiliadas nos cuidados aos bebês são submetidas a um alto grau de estresse, tendendo a padronizar os cuidados dispensados aos filhos, dificultando assim o estabelecimento de um apego satisfatório com ambos.

É de suma importância que a família se coloque em permanente prontidão para auxiliar a mãe nos cuidados rotineiros. Contudo, essa prontidão não pode proporcionar que os pais transfiram para outros as responsabilidades que a maternidade traz, ou seja, deixando apenas para outros as tarefas essenciais, conforme postula Malsmtron (1987).

Acreditamos que muitas das dificuldades que os pais enfrentam sejam decorrência de vários fatores, dentre os quais podemos destacar dois muito relevantes:

- A falta de tempo dos pais para se dedicar aos filhos, principalmente no caso de filhos gêmeos, que requerem ainda mais tempo e energia;
- Muitas vezes os pais não têm acesso a informações adequadas sobre a melhor forma de atender às necessidades dos filhos. Pudemos confirmar este fato devido à quantidade limitada de materiais sobre este assunto. Desse modo, vale ressaltar a importância de pesquisas nesta área, pois percebemos, durante o processo de elaboração da mesma, a falta de material e pesquisas referentes a este tema, no Brasil.

Quanto ao teste situacional utilizado, dos dez bebês submetidos ao teste, apenas dois bebês de uma tríade não realizaram todos os episódios, não sendo possível, assim, identificar o padrão de apego dessa tríade. Contudo, dos oito bebês participantes, todos foram classificados no padrão B, o que significa que estão seguramente apegados a suas mães e que estas estão disponíveis a seus filhos.

Como sugestão, enfatizamos que, quando aplicado o teste “Strange Situation Paradigm” em filhos gêmeos (independente do sexo, faixa etária ou de serem univitelinos ou bivitelinos), os episódios sejam realizados com os bebês gêmeos juntos e a mãe, e não como foi realizado nesta pesquisa (com cada bebê separadamente), pois o apego é estabelecido dentro da tríade.

Os resultados desta pesquisa nos possibilitaram concluir o quanto é importante que os pais respeitem as diferenças individuais dos filhos, pois, à medida que os bebês crescem, há uma tomada de consciência de que existe um “nós” (duas crianças) e um “eu” (uma criança somente); assim, não é favorável tratá-los como um bloco único, mas como dois seres com personalidades e individualidades próprias.

Tendo em vista a importância de uma postura adequada por parte dos pais de gêmeos, na forma de tratá-los, a fim de contribuir para um processo de vinculação mais satisfatório e, conseqüentemente, para um desenvolvimento mais saudável, consideramos de grande importância a realização de trabalhos psicoprofiláticos e de orientação familiar nessa área. Esperamos que esta pesquisa possa trazer uma parcela de contribuição para o estudo e para a atuação junto a essas famílias, uma vez que a gemelaridade constituiu-se num tema ainda pouco explorado em nossa realidade.

ABSTRACT

The purpose of this research was to analyze the attachment developed between mothers and their twin babies. The sample was composed of 5 mothers and 10 babies, from Taubaté, Caçapava and Pindamonhangaba, with different educational backgrounds. The babies' ages ranged from 12 to 25 months. The research instruments were a semi-structured interview, naturalistic observations and the “Strange Situation Paradigm” which objective is to measure the attachment behavior of each child and classify it as secure, anxious-ambivalent or anxious-avoidant. The research design was the “case study” and the hypotheses can be summarized as: “the accessibility and quality of maternal care, and the capacity shown by the mother to perceive unique characteristics of each baby influence the development of the attachment. The data analysis allowed us to conclude that the development of the attachment happens within the triad: the mother and each baby. It means that the mother gets

attached to both babies and they get attached equally to the mother and to his/her twin. It was also possible to verify that all the mothers showed a good perception of the differences between the babies, what contributes for a healthier attachment process.

KEY-WORDS: twin, attachment, triad.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRADOS, Isabel. Orientação infantil. 7. ed. São Paulo: Vozes, 1988.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Filhos do coração: O comportamento de apego em crianças adotivas. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

BOWLBY, John. Formação e rompimento de laços afetivos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRAZELTON, T. Berry. O desenvolvimento do apego: uma família em formação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LUTES, Linda. Co-bedding of multiples in nicu. Obtida via internet. <http://www.parentsplace.com/cobed.htm>, 1996.

MACHADO, Dulce V. M. Meus filhos gêmeos. São Paulo: Almed, 1980.

MALMSTROM, Patrícia. et al. Encouraging individuality in Twins. Obtida via internet. <http://www.parentsplace.com/indivi.htm>, 1987.

OATES, John, BARNES, Peter. Attachment. Assistente de produção Iva Williams; editor Peter Mathison; produção de Anne Diack. BBC - University of Leiden, 1994, 30 minutos.

SLUCKIN, Wladslaw. et.al. Vínculo materno. São Paulo: Paulinas, 1990.